

Cronologia das crises mais graves desde 1929



Confira o histórico das complicações econômicas que o mundo viveu desde a Grande Depressão de 1929

1. 1929: “O Crack de 29”. A crise econômica mundial da década de 1930 foi precipitada pela queda dos preços no mercado agrícola nos EUA em 1928, reestruturação da economia europeia e superprodução. Eclodiu em 29 de outubro de 1929 quando, após três meses de quedas consecutivas da produção e dos preços, foram vendidas de forma desesperada 16 milhões de ações, o que afundou a Bolsa de Nova York.
2. 1973: “O embargo do petróleo no conflito árabe-israelense”. O corte de provisão dos Estados que compõem a Organização dos Países Exportadores de Petróleo (Opep) na chamada primeira crise do petróleo, durante a Guerra do Yom Kippur, provocou o aumento de US\$ 2,50 a US\$ 11,50 no valor do petróleo. Isso elevou a fatura energética do Ocidente e gerou uma forte crise nos países mais industrializados. A partir dessa crise de preços, os países ocidentais dão início a políticas de diversificação e de economia de energia, como a solar, eólica, etanol (Brasil) etc.
3. 1979: “A Revolução Iraniana”. A derrocada do xá Mohammad Reza Pahlevi e a instauração da República Islâmica do Irã provocaram a segunda crise do petróleo, um novo colapso internacional. Embora as economias dos países ocidentais estivessem mais preparadas, já que haviam reduzido o consumo de petróleo, a queda na oferta provocou um longo período de preços extraordinariamente altos. A crise afetou, sobretudo, os países em vias de desenvolvimento, que, junto com o

aumento de preço que tinham de pagar pelo petróleo e a inflação, tiveram que enfrentar um ciclo de crise financeira pela elevada dívida externa.

4. 1980: “Iraqe invade Irã”. O petróleo voltou a bater novos recordes em alta, chegando a US\$ 40 o barril, valor que não tinha sido superado em dez anos. Os altos preços levaram o Ocidente a produzir mais de seu próprio petróleo em áreas como o Mar do Norte.
5. 1997: “A crise dos Gigantes Asiáticos”. Em julho a moeda tailandesa se desvalorizou. Logo depois caíram as de Malásia, Indonésia e Filipinas, repercutindo também em Taiwan, Hong Kong e Coreia do Sul. O efeito desses recuos arrastou as outras economias da região, convertendo-se posteriormente na primeira crise em escala global. O FMI elaborou uma série de pacotes de resgate para salvar as economias mais atingidas e promoveu várias reformas estruturais.
6. 2000: “A crise das pontocom”. Os excessos da nova economia deixaram um rastro de quebras, fechamentos, compras e fusões no mundo da internet e das telecomunicações, também um grande buraco nas contas das empresas de capital de risco. Em 10 de março, o principal índice da Nasdaq, máximo expoente da nova economia e do êxito das empresas de tecnologia, fechou em 5.048,62 pontos, recorde histórico. Em apenas três anos, a crise apagou do mapa quase cinco mil companhias e algumas das maiores corporações do setor de telecomunicações, vítimas dos maiores escândalos contábeis da história. O Federal Reserve (Fed, banco central americano) respondeu com uma redução de 0,5 ponto na taxa básica de juros.
7. 2001: “As Torres Gêmeas”. Os atentados de 11 de setembro de 2001 contra as Torres Gêmeas em Nova York e o Pentágono em Washington, que deixaram um balanço de cerca de três mil mortos, provocaram também queda nas bolsas. O índice Nikkei de Tóquio caiu mais de 6%, e os pregões europeus tiveram fortes recuos que levaram os investidores a buscar refúgio no mercado do ouro e em bônus do Tesouro americano.
8. 2008-2009: “A Grande Recessão”. Os EUA sofreram uma grande crise financeira, consequência de um relaxamento na avaliação do risco. O mau momento contagiou o resto do mundo. O detonante foi a explosão de uma enorme bolha imobiliária, que revelou que os bancos tinham estendido hipotecas lixo (subprime) a pessoas sem condições de pagá-las, com a expectativa de que o preço dos imóveis seguisse subindo. As

hipotecas foram transformadas em títulos e vendidas nos mercados, o que gerou centenas de bilhões de dólares de prejuízo aos investidores. O presidente George W. Bush criou um programa de resgate financeiro de US\$ 700 bilhões. Ele e seu sucessor, Barack Obama, usaram o dinheiro para resgatar bancos, seguradoras e montadoras. Obama impulsionou também um plano de estímulo de US\$ 787 bilhões para revitalizar a economia, com investimentos especialmente em construções e educação, ajudas aos desempregados e subsídios às energias alternativas. Ao mesmo tempo, Obama promoveu a maior reforma financeira desde os anos 1930 em nível nacional, complementada com uma iniciativa para endurecer as normas bancárias internacionalmente.

9. 2009-2010: “A crise da dívida na Europa”. O novo Governo da Grécia reconhece que o déficit (dívida) do país é muito superior ao revelado anteriormente, o que altera o interesse nos mercados por seus bônus. União Europeia (UE) e FMI negociam durante meses um programa de ajuda, enquanto os investidores continuam castigando a Grécia. E, em maio, finalmente aprovam um plano de resgate dotado de 110 bilhões de euros (US\$ 140 bilhões) para os próximos três anos. Então, os mercados já começam a duvidar da capacidade de outros países europeus de pagar sua dívida. O contágio da ansiedade afeta em particular Portugal, Espanha, Irlanda e Itália, e afunda o valor do euro. A UE age e anuncia, ainda em maio, que mobilizará 750 bilhões de euros para apoiar a dívida de qualquer país da zona de moeda única. O Banco Central Europeu (BCE) inicia a compra de bônus soberanos dos países-membros.
10. 2020-.....: A pandemia de coronavírus vai levar a economia mundial a registrar em 2020 o pior desempenho desde a Grande Depressão de 1929. A incerteza econômica deve custar, no mínimo, US\$ 1 trilhão (R\$ 4,7 trilhões) à economia global em 2020.
Para tentar conter a pandemia do novo coronavírus, boa parte da população mundial foi submetida a medidas de isolamento, incluindo países de todos os continentes. O coronavírus tem provocado abalos nos mercados globais e paralisado atividades econômicas no mundo todo, com impactos nas cadeias globais de suprimentos e no comércio global. Há simultaneamente um choque de oferta, por meio da quebra de cadeias globais de produção, e de demanda, com todos os consumidores parando de consumir ao redor do mundo, quer seja por queda da renda ou por medo de recessão.